INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

8,5

O ENSINO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL BOM JESUS.

HERMIONE MARIA CRUZ FERMINO
hermionemcf@hotmail.com
orientador: PROF. DR. ILSO FERNANDES DO CARMO

COLNIZA/2015

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA – AJES
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

O ENSINO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL BOM JESUS.

HERMIONE MARIA CRUZ FERMINO
hermionemcf@hotmail.com
orientador: PROF. DR. ILSO FERNANDES DO CARMO

"Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do Título de Especialização em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Especial."

COLNIZA/2015

Dedico esta monografia a Deus pai todo poderoso por ter me protegido sempre na minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço do fundo do meu coração a Deus, aos professores companheiros e colegas de trabalho por sempre me auxiliar nos momentos de dificuldade em minha vida, aos meus pais e à minha família, que sempre me incentivaram a estudar.

"O educador cria a educação de qualidade dentro da sala de aula, o educacionista luta para que a educação de qualidade chegue a todos."

Cristovam Buarque

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem como base as experiências adquiridas em alguns fascículos de Cursos anteriores e principalmente as apostilas e nas aulas presenciais do Curso de Especialização em Psicopedagogia com Ênfase em Educação Especial – AJES – Instituto Superior de Educação do Vale de Juruena – Pólo de Juína – MT. Surgiu a partir da inquietação em aprimorar conhecimentos sobre o Ensino e Aprendizagem dos alunos da EJA do Ensino Fundamental da Escola Municipal Bom Jesus. Trata-se de um trabalho monográfico com base em pesquisas bibliográficas e questionários respondidos pelos professores atuantes na EJA, além de documentos junto à secretaria da escola e direção, que serviram para comprovar os dados coletados. Todavia, nós professores procuramos nos melhorar gradativamente, fazer de nosso ensino uma busca de conhecimentos que venham subsidiar o aluno constantemente que é a nossa preocupação maior, preparando-o, como cidadão capaz de enfrentar as dificuldades com poder de decisão, transcendendo as próprias determinações históricas e oferecer contribuições para a melhoria da sociedade em que se insere frente a ações educativas para uma educação de qualidade. É neste preparar que faz necessário procurar meios a partir de estudos de pesquisas para que realmente, nós como professores possamos melhor entender o processo de ensino aprendizagem, questionar a fundo como tem sido o ensino aprendizagem em nossas escolas, para refletirmos e mudarmos a nossa prática de ensino. Assim sendo discutiremos melhor este assunto neste trabalho monográfico a seguir.

Palavras-chave: EJA – EVASÃO – AUTOESTIMA - MOTIVAÇÃO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....07

Capítulo 1: Um breve histórico do desenvolvimento da EJA no Brasil..... 09

1.1 O perfil do aluno da EJA..... 10

1.2 A evasão escolar, auto-estima e motivação na escola.....13

1.3 A abordagem histórico cultural na EJA.....16

CAPÍTULO 2: O ENSINO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL BOM JESUS.....18

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....24

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 25

ANEXOS..... 26

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está dividida em dois capítulos e tem como eixos norteadores , a escola pensada por Paulo Freire, que a via não apenas como um lugar onde há transmissão de conhecimentos do professora para o aluno, mas um lugar onde se constrói e reconstrói conhecimentos, com base na interação entre aluno e professor, aluno e aluno.

No primeiro capítulo, traz uma reflexão teórica, à luz de alguns pensadores e estudiosos, que contribuem com esta pesquisa, elucidando temas como a educação e a motivação, a teoria sócio interacionista e suas contribuições para compreendermos os processos de ensino e aprendizagem, o perfil do aluno da EJA, motivação e evasão escolar. No segundo capítulo, vem a análise dos dados coletados nos questionários feitos com os professores que atuaram na Escola Municipal Bom Jesus, em relação ao ensino-aprendizagem e dos alunos da EJA, e também a apresentação dos dados estatísticos relacionados ao número de matrículas e alunos que evadiram durante o ano letivo.

Paulo Freire (1996), apresenta ideias de uma escola onde se respeita o conhecimento que cada um traz consigo, levando assim, tanto professores quanto alunos, a novos aprendizados:

> ... ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a ele ensinar e não a de transferir conhecimento. (p. 15-16)

Para isso, torna-se necessário refletir sobre alguns desafios da formação do educando da EJA, diante da complexidade do novo do mundo do trabalho, compreendendo que é preciso entendê-la e ao mesmo tempo enfrentá-la a partir do redimensionamento da prática pedagógica que considere a interdisciplinaridade e a adequação de novas práticas, projetos inclusivos, desafiadores, com o intuito de debater o tema trabalho, possibilitando vislumbrar horizontes positivos no presente e no futuro.

É um fato observável em pesquisas e documentários, que muitas vezes, a EJA não atende sua clientela de forma satisfatória, fazendo assim, com que muitos

desistam de freqüentar a escola ainda no primeiro semestre. Dentre os fatores causadores dessa evasão, muitas hipóteses surgem, para justificar o abandono, porém, no ano seguinte, muitos daqueles que desistem, retornam, na esperança de completar seus estudos, novamente. Vários fatores interferem no ensino aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na escola, algumas metodologias educacionais aplicadas mostram problemas como: a prática de envolver os alunos visando à sua realidade que consiste em compreender quais as suas intenções, pois, os estudantes necessitam de suporte para compartilhar e buscar experiências vividas que vão além dos conteúdos para que possam superar a sua baixa auto-estima e dificuldades de se envolverem nas atividades propostas.

Foi a partir desses estudos que surgiu a ideia de desenvolver projetos com propostas e práticas adequadas que possibilitam um envolvimento dos alunos, para essa reversão respeitando as especificidades do grupo para que atenda a realidade da EJA com o intuito de diminuir o índice de evasão, reprovação, visando um ensino diferenciado e de qualidade.

CAPÍTULO 1: UM BREVE HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DA EJA NO BRASIL

A educação dos jovens e adultos vem tomando dimensões diferentes com o passar do tempo, no Brasil. Desde os tempos do império, a EJA já vinha se tornando uma preocupação política, pois naquela época, apenas aqueles que sabiam ler e escrever tinham direito a voto. Em outras palavras, esse era um privilégio de poucos membros da sociedade. Ainda nos tempos do império, surgiu a reforma de Leôncio de Carvalho de 1879, que indicava a necessidade de se aumentar os cursos primários no período noturno e impôs a obrigatoriedade do ensino, porém foi apenas a partir das décadas de 50 e 60 que as escolas noturnas passaram a ser instituídas e frequentadas de forma generalizada no Brasil. Isso ocorreu devido às mudanças causadas na estruturação da economia e da sociedade brasileira. Nessa época o Brasil passou por um rápido processo de urbanização e industrialização, e acabou tentando copiar modelos e padrões das economias capitalistas centrais. Esse desenvolvimento econômico tardio, acabou por reforçar mais ainda a exclusão social vivida por muitos, que não estavam preparados para se adequar a tantas mudanças. A migração para os grandes centros urbanos foi inevitável, porém exigia dos trabalhadores a escolaridade, que na maioria, não possuíam. Surgiam novas possibilidades de emprego e ascensão social, porém exigia-se a credencial escolar, que exercia grande influência na estrutura da hierarquia profissional das grandes empresas (EDUCAÇÃO I, 2008).

Com tantas mudanças no cenário social e econômico brasileiro, segundo RODRIGUES (1994), a educação nos níveis fundamental, médio e superior teve um grande impulsionamento, levando o poder público a aumentar o número de matrículas desses cursos, visando atender às classes trabalhadoras, o que viabilizaria a mão-de-obra para atender as novas demandas. Os movimentos de expansão dos sistema educacional para a população jovem e adulta, não visava no entanto, a melhoria das condições de acesso da população, mas atender os interesses políticos e econômicos da elite da sociedade brasileira.

Isso nos possibilita enxergar a dicotomia presente no sistema de ensino brasileiro. Há uma escola pensada e planejada para os filhos de elite, e outra escola

para os filhos do povo. Anísio Teixeira, segundo RODRIGUES (1994), foi um dos primeiros a denunciar tal dicotomia, que consolidou a esse tipo de educação classista, já na primeira metade do século XX, no Brasil.

Na atualidade, segundo RODRIGUES (1994), a escola brasileira vem apresentando uma nova dicotomia, dentro das próprias unidades de ensino: há uma escola para o diurno e outra para o noturno. O que poderia ser um aspecto positivo do ensino acaba se tornando um aspecto negativo, à medida que o trabalhador que estuda a noite não tem suas especificidades e características respeitadas, o que acaba reforçando o preconceito sobre esses estudantes, que se sujeitam ás mesmas regras e organização que os estudantes do diurno, sendo, no entanto, motivados por expectativas totalmente diferentes.

> Em contrapartida, a organização administrativa, pedagógica e disciplinar da escola à noite, desconsidera as atitudes e o saber prático, adquiridos no dia-a-dia do trabalho, impõe prazos e critérios de avaliação da aprendizagem ao aluno noturno que acabam por desestimular o seu interesse em prosseguir a sua escolarização. (RODRIGUES, 1994, p. 106).

Segundo se observa nos apontamentos acima, a EJA não atende realmente às necessidades daqueles que procuram os cursos noturnos, dando ao adulto o mesmo tratamento dispensado às crianças, o que com certeza, não traz benefício nenhum, sendo apenas mais uma demonstração de que o currículo pré-estabelecido não atende satisfatoriamente à demanda de alunos que deveria atender, e que as instituições não têm se preocupado em conhecer realmente a sua clientela do período noturno, nem em oferecer condições para seu acesso e permanência na escola.

1.1 O PERFIL DO ALUNO DA EJA

Segundo aponta RODRIGUES (1994), os alunos que procuram os cursos noturnos (EJA) são pessoas que muito cedo, tiveram que deixar a escola para ingressar no mercado de trabalho e ajudar no sustento da família. O que as instituições de ensino geralmente não vêem, é que este aluno, traz consigo uma bagagem imensa, pois no seu cotidiano, o trabalhador-estudante vivencia inúmeras situações de aprendizagem, que, no entanto, nem sempre são valorizadas na escola. É no cotidiano que ele aprende o respeito a hierarquias, estratégias para se

conservar no emprego, parar conseguir uma promoção, para agradar o seu empregador, tais como as habilidades de calcular, planejar, refletir, criticar.

Em contraponto, RODRIGUES (1994), menciona que as aulas dos cursos noturnos, muitas vezes, não possuem um currículo bem definido, adequado para as pessoas que o freqüentam. Muitas vezes, o currículo é apenas uma cópia daquele mesmo currículo estabelecido para o diurno, o que torna as aulas massantes e desestimulantes. Homogeneizar os estudantes, e o ensino, oferecendo a alunos da EJA o mesmo ensino dispensado aos alunos do ensino regular, muitas vezes acaba desestimulando o jovem trabalhador-estudante, que muitas vezes, volta a abandonar a escola, por perceber que ela não atenderá a suas expectativas. Muitos ainda acabam concluindo os cursos, apesar da forma como o ensino acontece, no entanto, isso não lhes vem proporcionando grandes expectativas.

Atualmente se questiona o uso das práticas pedagógicas do ensino regular no ensino da EJA. Os professores e a equipe pedagógica devem refletir e decidir sobre o uso de alguma metodologia ou material didático do Ensino Regular na EJA, já que são eles que estão diretamente convivendo com a realidade de cada aluno. O que não se pode fazer é usar cartilhas infantilizadas, indiscriminadamente, sem o apoio de uma proposta pedagógica que leve em conta todos os aspectos do processo de ensino e aprendizagem. O perfil da clientela da EJA é bem diversificado e tem em comum a vitimação de um processo de exclusão do sistema capitalista de acordo com a EDUCAÇÃO Para Jovens e Adultos (2001, p. 40), e que por isso tem que ter uma metodologia diversificada:

> Do ponto de vista sociocultural, entretanto, eles formam um grupo bastante heterogêneo. Chegam à escola já com uma grande bagagem de conhecimentos adquiridos ao longo de histórias de vida as mais diversas. São donas de casa, balconistas, operários, serventes da construção civil, agricultores, imigrantes de diferentes regiões do país, mais jovens ou mais velhos, homens ou mulheres, professando diferentes religiões. Trazem, enfim, conhecimentos, crenças e valores já constituídos. É a partir do reconhecimento do valor de suas experiências de vida e visões de mundo que cada jovem e adulto pode se apropriar das aprendizagens escolares de modo crítico e original, sempre da perspectiva de ampliar sua compreensão, seus meios de ação e interação no mundo.

A EJA atende a jovens acima de 14 anos com um histórico de fracasso no ensino regular. Segundo menciona a proposta curricular acima, eles não se excluíram desse ensino, foram excluídos por um sistema excludente e incapaz de atender aos padrões de qualidade. Entretanto, os números mostram que grande

parte dos alunos da EJA são aqueles que nunca tiveram oportunidade de freqüentar a escola na idade apropriada. Também o que leva jovens e adolescentes a voltarem para a sala de aula são as novas exigências do mercado de trabalho que exigem no mínimo o Ensino Fundamental completo.

Muitos alunos dos cursos noturnos, já passaram da idade adequada para a série em que estão cursando, com problemas de 'indisciplina' quando cursavam o ensino regular, outros vêm com dificuldade de aprendizagem que lhes impossibilitou, no passado, dar continuidade aos estudos. Esses alunos, geralmente, segundo EDUCAÇÃO I (2008), são trabalhadores, possuem família, sentem-se fracassados de alguma forma, por não terem concluído seus estudos na idade certa, evadiram da escola, e voltam, na expectativa de que isso ampliará seus ganhos financeiros, ou lhes possibilitará alcançar uma posição de trabalho melhor em relação à que ocupa no momento. São pessoas produtivas, que vêem na escola uma esperança de reconstruir sua história, retomando os estudos, para alcançar sonhos materiais, ou não. Por isso torna-se importante que a escola desenvolva os conhecimentos desse aluno, dando sentido àquilo que ele está aprendendo, de forma crítica, trazendo o seu mundo, a sua realidade para a sala de aula, para que eles possam compreender a sua posição dentro do espectro social, e possam romper com o modelo de reprodução das desigualdades implantado desde os tempos do Brasil Império.

É É a partir da problematização e da reflexão dos alunos sobre os aspectos sociais, políticos e econômicos de nossa sociedade, que os conteúdos escolares ganharão sentido na vida do trabalhador-estudante, impulsionando-os para a mudança, deixando de ser um sujeito oprimido, para ser um sujeito ativo, ator e escritor de uma história sua, que saiba pensar e reivindicar direitos, e exercer a sua cidadania. Temos clareza de que a educação de adultos não pode tudo, mas seu papel, conforme as ideias de FREIRE (2005), é o de problematizar o mundo vivido do sujeito, descodificando-o criticamente e a partir daí caberá ao homem encontrar respostas para os problemas individuais e coletivos. Sendo assim, concluímos que a tarefa da educação é também, resgatar a humanização perdida pelo homem nessa sociedade desigual e excludente, que o coloca á margem de tudo.

Em resumo, analisando-se o perfil dos alunos que se matriculam nos cursos de EJA, percebemos que são pessoas que já passaram por um processo de

exclusão na escola, que não soube cativá-los e também na sociedade, seja por parte de colegas, professores, direta ou indiretamente, as metodologias e o ensino não chegaram a ele de forma a contentar e lhe trazer alguma realização. Muitos chegam à EJA, desesperançados, com grandes déficits de aprendizagem, pois os conteúdos que foram trabalhados nas escolas muitas vezes não tinha significado nenhum para eles no cotidiano.

Ao voltar para a escola, essas pessoas buscam um ensino voltado para as suas necessidades, as suas realidades, seus anseios, e muitas vezes, acabam por se deparar com outra escola regular, pensada para crianças e adolescentes, e agora reproduzida no período noturno.

1.2 A EVASÃO ESCOLAR, AUTO-ESTIMA E MOTIVAÇÃO NA ESCOLA

Nas últimas décadas, segundo RODRIGUES (1994), a educação brasileira passou por muitas transformações, na busca pelos métodos adequados, que fariam todo aluno aprender, foram criadas teorias, métodos inovadores, e muitas confusões foram criadas, à medida que pesquisas acadêmicas acabaram por ser confundidas com métodos educacionais, causando grandes prejuízos a todos.

A busca pela diminuição dos números relacionados à repetência e à evasão escolar, segundo o PCN (BRASIL, 2001), também foi muito grande, surgindo assim, novas formas de organização escolar, como os ciclos de aprendizagem e os ciclos de formação humana, em substituição ao sistema de ensino seriado, que se impunha em todo o Brasil durante décadas.

O sistema de ensino seriado, com certeza, foi um dos responsáveis por grande parte da evasão escolar acontecida no início da década de 90. Após muitos anos tentando prosseguir e sendo reprovados em determinadas séries, os alunos que já não estavam mais na faixa etária adequada acabavam por desistir de prosseguir, ingressando assim, no mercado de trabalho, sem concluir seus estudos . O PCN (BRASIL, 2001), relata essa situação:

> Estudos indicam que a repetência constitui um dos problemas do quadro educacional do País, uma vez que os alunos passam em média, 5 anos na escola antes de se evadirem, ou levam cerca de 11,2 anos para concluírem as oito séries de escolaridade obrigatória. No entanto, a grande maioria da população estudantil acaba desistindo da escola, desestimulada em razão das altas taxas de repetência e pressionada por fatores socioeconômicos

> que obrigam boa parte dos alunos ao trabalho precoce. (PCN, BRASIL, 2001, vol. 1, p 22,)
>
> As taxas de repetência evidenciam a baixa qualidade do ensino e a incapacidade dos sistemas educacionais e das escolas de garantir a permanência do aluno, penalizando, principalmente, os alunos de níveis de renda mais baixos.(PCN,BRASIL, 2001, vol. 1, p 25)

É de se imaginar que alguém que passa anos lutando contra um sistema de ensino elitista sinta-se realmente excluído e sem forças para continuar lutando contra uma situação onde claramente, está na posição mais delicada, tendo em vista a realidade que enfrenta no seu cotidiano, as possibilidades que o seu meio lhe proporciona, as dificuldades financeiras que muitas famílias enfrentavam para manter os filhos na escola, tudo isso, acaba por desmotivar, diminuir a autoestima dos jovens estudantes, e por acreditarem que não teriam nunca sucesso na vida escolar, acabam evadindo.

A autoestima é um fator de muita importância, visto que qualquer pessoa com capacidade de aprender, que apresente autoestima baixa se torna desinteressada, por medo do fracasso, do que os professores falarão, ou os pais e os colegas. Os professores diante dessas situações podem trabalhar a autoestima do jovem que retorna à escola, proporcionar confiança no que deseja fazer, incentivando ao invés de censurar, procurando buscar ressaltar as suas qualidades, elogiando suas conquistas, para que ao invés de se sentir inadequado para o ambiente escolar, o aluno perceba suas boas qualidades, e possa assim, continuar estudando, vencendo o sentimento de incapacidade ou inadequação à escola que muitos podem trazer.

Esse aspecto deve ser contemplado em sala de aula, é a motivação dos jovens e adultos, pois *"é pouco provável que aconteça um aprendizado satisfatório na escola na ausência de motivação suficiente para aprender."* (FONTANA, 1998, p. 163). Além da motivação que traz essas pessoas de volta à escola, é necessário que aconteça outro tipo de motivação, agora intencional, partindo da escola para o sujeito consciente, provocada pelos desafios, pelos projetos educacionais, pela valorização do conhecimento que essa pessoa já possui.

Há, segundo PILLETTI (1995), dois tipos de motivação diferentes: a intrínseca e extrínseca. A motivação intrínseca é o anseio, a curiosidade do sujeito em descobrir o novo, um desejo voluntário, mas que se for censurado, provavelmente trará o receio, e até mesmo pode cessar a sua busca pelo

conhecimento. A motivação extrínseca é quando não se tem do aluno a intrínseca e o professor tem que partir de estratégias para chamar sua atenção, aumentando o prestígio do aluno, aumentando a sua vontade de participar, de colaborar, contribuir para a construção de um novo projeto.

Segundo PILETTI (1995), a motivação é uma responsabilidade do professor que se propõe a ser um agente de mudanças sociais, e não apenas um processo psicológico, de ajustamento. É o professor que deve observar a sua classe e proporcionar situações e atividades diversificadas onde surjam possibilidades novas de motivação intrínseca e extrínseca também, já que esta é fundamental para que a aprendizagem ocorra.

Havendo aprendizagem, o jovem deixa para trás aquele estigma que tanto lhe incomodava no passado, e passa então, a buscar novas aprendizagens, a cooperar, auxiliando e compartilhando conhecimentos que possui no ambiente escolar:

> Um ensino de qualidade que busca formar cidadãos capazes de interferir criticamente na realidade parar transformá-la, deve também contemplar o desenvolvimento de capacidades que possibilitem adaptações às complexas condições e alternativas de trabalho que temos hoje e a lidar com a rapidez na produção e na circulação de novos conhecimentos e informações, que têm sido avassaladores e crescentes. A formação escolar deve possibilitar aos alunos condições para desenvolver competência e consciência profissional, mas não restringir-se ao ensino de habilidade imediatamente demandadas pelo mercado de trabalho. (PCN,BRASIL, 2001, vol. 1, p. 47).

Não podemos perder de vista as reflexões de Paulo Freire, onde ele destaca:

> Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (1996, p. 36).

Na visão de FREIRE, a escola não apenas ser mera reprodutora de conhecimentos e ideologias das classes dominantes, mas tem o dever de educar para a criticidade, para a transformação social, que só será possível, mediante a percepção das classes trabalhadoras, do valor que possuem da sua importância social, passando então, a participar, a pensar, a ter voz ativa na sociedade em que vive.

> Já sei, não há dúvida, que as condições materiais em que e sob que vivem os educandos lhes condicionam a compreensão do próprio mundo, sua capacidade de aprender, de responder aos desafios. Preciso, agora, saber ou abrir-me à realidade desses alunos com quem partilho a minha atividade pedagógica. Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela. E a diminuição de minha estranheza ou de minha distância da realidade hostil em que vivem meus alunos não é uma questão de pura geografia. (FREIRE, 1996, p. 52)

1.3 A ABORDAGEM HISTÓRICO CULTURAL NA EJA

Para que a aprendizagem aconteça efetivamente na escola, é preciso, segundo FONTANA (1997), que ela desafie o aluno, para que ele sinta necessidade de aceitar esse desafio, que tenha sentido para ele, e que o professor favoreça situações em que ela possa se concretizar. Essas situações devem ser não apenas uma, mas várias, em gradativos níveis de complexidade, para que aos poucos, os alunos desafiados se apropriem do seu objeto de estudo. Ao investir sua curiosidade nesse objeto, o aluno (pessoa) concentra todo seu conhecimento prévio, toda sua bagagem cognitiva, histórica e cultural, com a finalidade única de apropriar-se dele, satisfazendo assim, sua necessidade biológica natural de satisfação. Pensando dessa forma, podemos perceber a necessidade que o educador conheça as bases da teoria de VYGOTSKY, que contribui grandemente para a educação, não apenas de crianças, como também dos jovens e adultos que retornam à escola, visto que com sua teoria histórico-cultural, proporciona uma reflexão sobre o cotidiano e a história dos alunos, para que se possa alcançar uma aprendizagem efetiva.

A abordagem histórico-cultural em sua principal essência, segundo FONTANA (1997), aborda a importância de se conhecer e levar em consideração a história e cultura do indivíduo, valorizando-o como sujeito de sua própria aprendizagem. É nessa perspectiva que se espera o trabalho humanizado, onde cada um tem uma história e uma bagagem, que ao chegar na escola, pode e deve ser não apenas respeitada, como valorizada, pois os conhecimentos que cada um traz são diferentes, podem ser compartilhados, socializados, promovendo uma aprendizagem mais significativa para os envolvidos.

VYGOTSKY, LURIA e LEONTIEV (2006), enfatizam os fatores sociais como sendo um aspecto fundamental, pois tudo é aprendido com os que nos rodeia num intenso processo de interação entre as pessoas. É a partir de sua inserção na

cultura que a pessoa, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo. Pode-se observar também, que VYGOTSKY destaca a importância do outro não só no processo de construção do conhecimento, mas também de constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir. (VYGOTSKY, LURIA e LEONTIEV, 2006).

Educar na perspectiva de VYGOSTKY, segundo FONTANA (1997), não é apenas a mera reprodução de conteúdos, sem conhecimento daquilo que o outro já sabe, do que necessita daquilo com o que convive ou não. Educar torna-se um processo de trocas, onde o professor media a construção do conhecimento, que se dá de forma prazerosa, visto que atinge as necessidades daqueles que o vêm buscar na escola. O professor que realmente compreende e aplica as teorias estudadas, não pode ignorar que cada jovem e adulto que recebe em sua sala de aula é um ser único, com um mundo vasto de conhecimentos e experiências que podem ajudá-lo na sua tarefa de educador. É através da ressignificação dos conteúdos, por meio de propostas úteis, que possam sanar necessidades reais dos alunos, que o professor da EJA poderá alcançar seus objetivos, obtendo melhores resultados, cativando seus alunos, de forma a evitar a desmotivação causada pelo fracasso escolar.

É nessa perspectiva que percebemos o quanto a abordagem histórico cultural de VYGOTSKY é importante para o professor aprender a enxergar o seu aluno, não como mero aprendiz, mas como alguém carregado de conhecimentos, que tem muito a contribuir em sala de aula, que ensina enquanto aprende, e que pode desenvolver muito além do esperado, quando levado a exercer todo seu potencial.

CAPÍTULO 2: O ENSINO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EJA DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL BOM JESUS.

A Escola Municipal Bom Jesus, localiza-se à Rua das Bromélias, 223, no centro de Colniza. A escola passou a funcionar em 2002, como extensão da Escola E. Bernardino Gomes da Luz, e foi autorizada em 2003, para atender a alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental. Com o passar do tempo, a demanda de alunos se tornou maior, e durante anos, funcionou quatro períodos, sendo necessário instalar o turno intermediário. Logo depois, para atender a demanda de adultos procurando terminar seus estudos, a escola foi buscando autorização para atender a demanda da educação de jovens e adultos.

O maior problema, para os educadores do período noturno e da EJA, desde então, tem sido não apenas oferecer o acesso dos alunos à escola, mas possibilitar a sua permanência, e continuidade dos estudos, já que ano após ano, os índices da evasão escolar mostram que esse é um desafio aos educadores.

Ao questionar os educadores que participaram da pesquisa, sobre quem são os alunos da EJA de sua escola e o que eles esperam dela, responderam:

> Vejo alunos que não tiveram oportunidade de estudar na idade certa em busca de uma vida melhor e esperam da escola uma segunda chance de alcançar seus objetivos através dos estudos... (Professor A)
>
> Pessoas que por um motivo ou outro, acabaram se afastando da escola. Eu os vejo como batalhadores em busca de novas oportunidades através da escola. (Professor C)
>
> São pessoas que buscam mais conhecimentos para terem mais oportunidades no mercado de trabalho. (Professor E)

As falas acima demonstram que os professores questionados estão cientes das dificuldades e expectativas de seus alunos, o que pode facilitar o seu com os mesmos, e também planejamento de ações e projetos que venham a atender necessidades reais, adequando o currículo às necessidades de cada turma.

Vários fatores interferem no Ensino Aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) na escola, algumas metodologias educacionais aplicadas mostram problemas como: a prática de envolver os alunos visando à sua realidade, que consiste em compreender quais as suas intenções, pois, os estudantes necessitam de suporte para compartilhar e buscar experiências vividas que vão além

dos conteúdos para que possam superar a baixa auto estima e dificuldades de se envolver nas atividades propostas.

SANCHES, comenta a necessidade de mudanças no ambiente escolar:

> ...há necessidade de mudança, de um resgate pormenorizado da caminhada da história da escola/professor, da vida-educação, pois analisando e vivenciando inquietações, dificuldade, desafios, medos, renúncias, superficialidades descobriremos pistas e delas nos apropriando identificamos que é necessário construir uma escola para este tempo, para o aluno também deste tempo.(2005, p. 34).

Para a realização desses projetos, visando a diminuição da evasão e da repetência na EJA, no ano de 2011, a coordenação pedagógica teve que reunir os professores e discutir as necessidades de mudanças no ambiente escolar, tendo em vista a rotina diária de trabalho dos alunos, que vinham para a escola cansados e desmotivados, e acabavam muitas vezes, por evadir.

Sobre a metodologia adotada no trabalho com a EJA, os professores demonstram também uma nova forma de pensar e trabalhar:

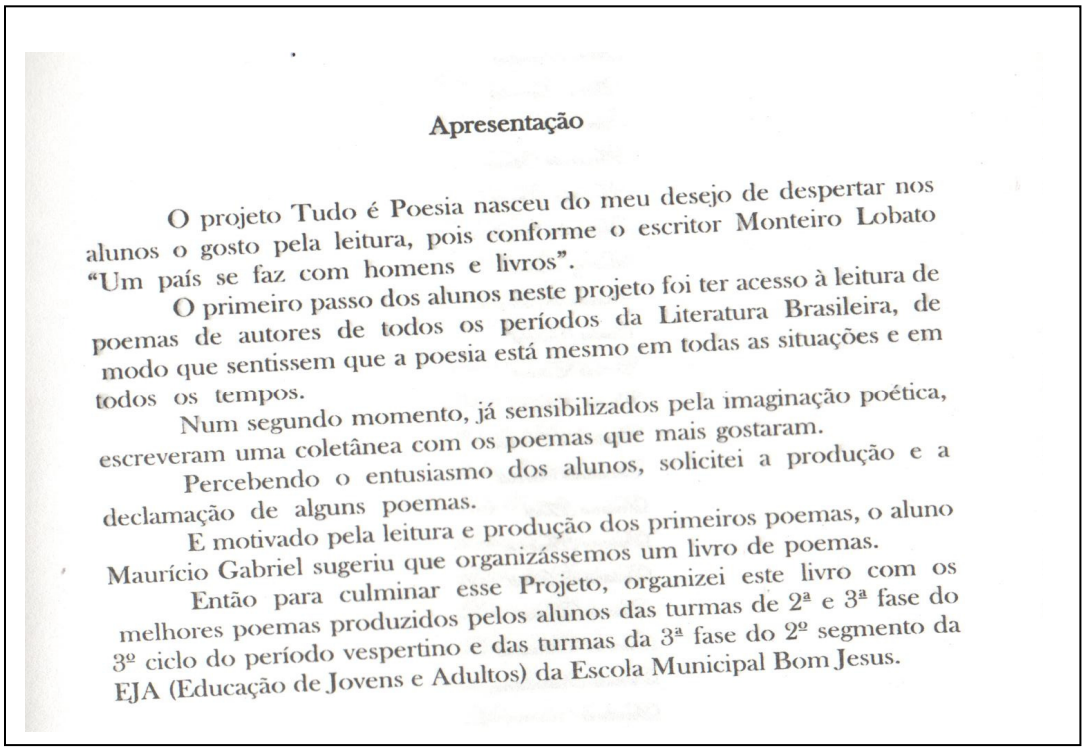
> Como se trata de pessoas já com uma grande bagagem de conhecimento adquirido em experiências vivenciadas no dia-a-dia é fundamental o aproveitamento desses conhecimentos como ponto de partida para buscar novos aprendizados. (Professor C)
>
> Gosto de trabalhar com projetos, pois os alunos da EJA precisam de atividades mais dinâmicas. Nesse tipo de metodologia o professor precisa ser comprometido e contar com muito apoio da coordenação. (Professor E)

A partir das discussões feitas na escola, e com o apoio da coordenação pedagógica, os professores elaboraram projetos individuais e coletivos, onde buscaram integrar os conhecimentos que os alunos já possuíam com o conhecimento científico que o currículo da EJA propõe. Assim, surgiram vários projetos integrados, onde os educandos puderam dialogar, se divertir, trocar ideias e conhecimentos, construir novos conhecimentos por meio de pesquisas e apresentações de trabalhos realizados por eles.

Dentre os trabalhos realizados pelos professores, convém destacar o projeto “Tudo é Poesia”, realizado pela professora Vera Lúcia, com os alunos do ensino regular e da EJA, que acabou resultando em um livro, que foi organizado pela mesma, publicado e depois divulgado nas escolas do município. Abaixo, segue um trecho da abertura e a capa do livro:

Foto 1: Capa do livro de poesias escrito pelos alunos

Foto 2: Apresentação do livro



Apresentação

O projeto Tudo é Poesia nasceu do meu desejo de despertar nos alunos o gosto pela leitura, pois conforme o escritor Monteiro Lobato "Um país se faz com homens e livros".

O primeiro passo dos alunos neste projeto foi ter acesso à leitura de poemas de autores de todos os períodos da Literatura Brasileira, de modo que sentissem que a poesia está mesmo em todas as situações e em todos os tempos.

Num segundo momento, já sensibilizados pela imaginação poética, escreveram uma coletânea com os poemas que mais gostaram.

Percebendo o entusiasmo dos alunos, solicitei a produção e a declamação de alguns poemas.

E motivado pela leitura e produção dos primeiros poemas, o aluno Maurício Gabriel sugeriu que organizássemos um livro de poemas.

Então para culminar esse Projeto, organizei este livro com os melhores poemas produzidos pelos alunos das turmas de 2ª e 3ª fase do 3º ciclo do período vespertino e das turmas da 3ª fase do 2º segmento da EJA (Educação de Jovens e Adultos) da Escola Municipal Bom Jesus.

No decorrer do ano letivo foram realizados vários projetos além desse, envolvendo artesanato, cultura, plantas medicinais, pirâmide alimentar, matemática, etc. Em relação ao projeto "Tudo é poesia" o Professor E comenta:

> ... foi maravilhoso. Com ele os alunos aprenderam muito sobre literatura, fizeram uma coletânea de poemas clássicos da literatura e redigiram os próprios poemas, com os quais foi editado o livro "Tudo é Poesia". (Professor E)

> Os alunos se incorporaram ao projeto de forma satisfatória e demonstrou muito resultado no quesito desenvoltura no mundo poético. (Professor D)

Ao falar sobre os projetos trabalhados, percebe-se que o professor realmente “acreditou”, buscando nesse trabalho não apenas a transmissão de conteúdos, mas valorizando o aluno, buscando fazer com que eles também acreditassem nos seus próprios talentos. Outro professor comenta em relação ao trabalho realizado com a EJA:

> Já realizei o projeto “Vida com sucesso”. Através de conversas e questionários percebi que os participantes gostaram do trabalho por terem a oportunidade de falar e ouvir assuntos que os ajudariam na vida, no dia-a-dia. (Professor F)

Os professores da EJA também foram questionados a respeito da desvinculação entre a teoria e a prática, pois como Paulo Freire (1996), propõe, a escola de EJA deve funcionar para atender realmente às necessidades dessa clientela. De acordo com as respostas dos professores questionados, percebemos que a visão dos professores mudou em relação ao passado, pois já vêem necessidade de projetos que possibilitem fugir do sistema repetitivo de antigamente e buscam parcerias junto aos seus alunos, para construir conhecimentos de uma forma mais coerente, motivadora e participativa.

Segundo pode-se observar nos questionários respondidos pelos professores, os aspectos culturais relacionados ao mundo do aluno da EJA, o meio em que ele está inserido, sua idade, trabalho, experiência de vida, o tempo disponível que possui para os estudos, têm levado os professores a refletir sobre as formas de agir e direcionar os trabalhos da EJA de forma diferente do que acontecia há anos atrás.

Essa mudança de visão dos professores de agora é também consequência do conhecimento das orientações de Paulo Freire aos educadores da EJA, que procuram refletir e adequar-se à sua nova clientela:

> considero muito válida no sentido de aproveitar as experiências e conhecimentos de cada aluno. Esse é meu ponto de partida. (Professor C).
>
> ...o ser humano não letrado já possui muitos conhecimentos. Isso reflete na prática pedagógica de maneira que se deve utilizar das experiências de vida dos educandos para desenvolver o ensino-aprendizagem. (ProfessorA).
>
> ...o adulto que chega à escola busca não apenas o conhecimento científico, mas um educador que olha para o outro com o mesmo olhar que olha para si mesmo.(Professor E).

A visão de uma escola mais humanizada e mais centrada nos interesses e necessidades dos alunos tem agradado aos professores, que manifestam-se satisfeitos com os resultados dos trabalhos que vêm realizando. Nessa perspectiva, educar não é apenas a mera transmissão de conteúdos de um currículo pré-estabelecido, mas torna-se uma ação consciente e transformadora, visando a motivação de todos os envolvidos, para esse processo se torne mais agradável e prazeroso, diminuindo assim, a evasão escolar que tanto preocupa os educadores. Um professor cita que a maior causa da evasão é a falta de projetos significantes que buscam o comprometimento dos alunos a cada dia. Na visão desse professor, a motivação ou a falta dela, é que leva os alunos a abandonar as salas de aula. Outro professor ainda, levanta a questão de o trabalho/ sustento familiar e diz que essa é a principal causa de evasão, devido ao trabalho braçal e as longas distâncias das escolas que atendem a EJA. Embora existam divergências sobre os motivos que levam os alunos a evadir, todos concordam que há necessidade de que a equipe pedagógica da escola busque soluções para essas problemáticas, visando uma educação mais motivadora a todos que dela necessitam.

Segundo os educadores, a relação professor aluno é uma relação sadia e satisfatória, pois o público atendido são pessoas com vasta experiência de vida, onde há diálogo e entendimento, compreensão, amizade, onde o aluno se sente à vontade para tirar suas dúvidas e comentar sobre seus anseios.

Apesar disso, os índices mostram que ainda há alunos que abandonam a escola, por motivos particulares, que muitas vezes nem chegam a ser conhecidos. É o que revela o gráfico abaixo, onde podemos comparar o resultado final da EJA nos 3 últimos anos. (ANEXO 2)

O gráfico 1 (ANEXO 2), nos permite refletir sobre a situação dos alunos matriculados nos anos 2010 a 2012. O número de matrículas aumentou em 2011 e tornou a cair em 2012, no entanto entre aqueles que concluíram o ano, em 2010, houve 5,7% de reprovação, número que caiu em 2011, para 5,2% e em 2012 para 1,5%.

Analisando o gráfico 2 (ANEXO 3), pode-se perceber que a evasão escolar nos anos de 2010 e 2011, ano em que foram realizados vários projetos visando a motivação e participação dos alunos da EJA, foi menor, se comparada ao ano

2012, em que a evasão escolar chegou a atingir 53,8% dos alunos matriculados inicialmente. Isso revela que apesar da intenção e empolgação inicial que leva as pessoas a se matricular, as estratégias utilizadas não foram suficientes para que eles se mantivessem motivados e terminassem o ano letivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto sobre a atuação do professor, no presente trabalho, percebe-se que foi de grande valia para o nosso conhecimento intelectual, pois se pode observar que cada teoria serviu para contribuir na evolução da nossa visão sobre a educação de jovens e adultos, ficando para os educadores, a responsabilidade de buscar conhecimentos e aplicar o que há de melhor de cada teoria à educação, buscando assim, desenvolver um trabalho de melhor qualidade.

Através dessa pesquisa se obteve muitos conhecimentos que serão levados para a prática em sala de aula, considerando que todo educador deve estar constantemente se atualizando e buscando recursos para trabalhar com seus alunos, haja visto que existe a transposição da teoria para a prática, e levar jovens e adultos a estudar o ano todo, em meio a tantos problemas enfrentados por eles sem desistir, sem evadir da escola ou desanimar, não é uma tarefa nada fácil para o educador.

Cada projeto seguiu seu curso e ajudou para o desenvolvimento da educação dos jovens e adultos que ao longo do ano letivo, desfrutaram de momentos de estudo, descontração, cooperação, compartilharam experiências vividas, e acima de tudo, aprenderam. O educador deve estar ciente das vantagens do trabalho com projetos na EJA, para poder compreender seus alunos, sendo mediador e facilitador do processo de ensino aprendizagem.

Considera-se que a teoria de VYGOTSKY, mostrou-se aplicável também na EJA, visando todos os aspectos do jovem e do adulto, inclusive o aspecto motivação, na perspectiva apontada por Paulo Freire, que coloca o amor pela educação e pelos educandos em primeiro lugar, conhecendo-o, amparando-o, e dando respaldo ao educador para saber agir frente às dificuldades encontradas em sala de aula, sendo assim, um educador que visa à qualidade do ensino e o respeito ao ser humano. Fica aberta a presente pesquisa para servir de subsídio a outros acadêmicos que queiram aprofundar, nesses estudos das teorias que fazem luz ao grande processo de ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais –** Introdução.Volume 1. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BUARQUE, Cristovam. **O que é educacionismo**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

EDUCAÇÃO de jovens e adultos I. (Obra organizada pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA). Curitiba: Ibpex, 2008.

EDUCAÇÃO de jovens e adultos II. (Obra organizada pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA). Curitiba: Ibpex, 2008.

EDUCAÇÃO para jovens e adultos. Ensino Fundamental.Proposta curricular - 1º segmento. São Paulo/Brasília: MEC, 2001.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Maria Nazaré da. **Abordagem comportamentalista**. In: _____. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997. p. 25-31.

_____. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Editora Atual, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

_____. **Professor sim tia não.** 14. ed. São Paulo: Olho dágua, 2003.

_____. **A importância do ato de ler.** 45. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

PILETTI, Claudino. **Didática geral**. São Paulo: Ática, 1995.

RODRIGUES, Eduardo Magrone. Ensino noturno de 2º Grau: o fracasso da escola ou a escola do fracasso. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, p. 49-72, jan./jun. 1995.

_____. **Evasão Escolar no ensino noturno de segundo grau: um estudo de caso.** 1994.220f. Dissertação (Mestrado em educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

SANCHES, Claudio Castro. **Desconstruir construindo um caminho para uma nova escola** – recuperação da escola – pensar o pensado. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

VYGOTOSKY, Lev Semenovich; LURIA, Alexandre Romanovich; LEONTIEV, Aléxis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2006.

ANEXOS

ANEXO 1

Esta entrevista se destina à busca de dados para a pesquisa de Trabalho de Conclusão de **ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA COM ÊNFASE EM EDUCAÇÃO ESPECIAL**

Discente: Hermione Maria Cruz Fermino

Entrevista para os professores

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Escola:_____
__.

DADOS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

1. Há quantos anos leciona?

   a. ( ) 01 á 05 anos b. ( ) 06 á 10 anos c. ( ) de 10 anos acima

2. Sexo:
   a. ( ) Feminino b. ( ) Masculino

3. Áreas de atuação:
   a. ( )Educação Infantil b. ( ) Anos Iniciais c. ( ) Anos Finais d. ( ) EJA

DADOS SOBRE AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DO PROFESSOR

4. Como você vê os alunos de EJA na sala/escola onde atua? Quem são? O que esperam da escola?

   _____
   _____
   _____
   _____
   _____

5. A maioria dos alunos que você atende no período noturno trabalham para ajudar no sustento da família?
   a. ( ) SIM b. ( ) NÃO c. ( ) NÃO TENHO CONHECIMENTO

6. Que metodologia foi adotada para o trabalho com a EJA? O que você considera necessário e indispensável nesse trabalho?

   _____
   _____
   _____
   _____
   _____

_____
_____

7. Cite um projeto que você trabalhou na EJA e comente os resultados obtidos em relação à participação e aprendizagem.

8.De acordo com a proposta de Paulo Freire para a educação de jovens e adultos, você considera que a teoria e a prática andam desvinculadas? E no passado? Por quê?

a. ( ) SIM b. ( ) NÃO

Comente:_____
_____
_____
_____

9.A teoria histórica cultural destaca a importância dos fatores internos e externos, a história e a cultura do indivíduo, sendo todo um processo interligado, de desenvolvimento real, proximal e potencial. Para diagnosticar um aluno de EJA, o que se leva em conta?

_____
_____
_____
_____

8. Você acredita que as orientações de Paulo Freire para a Educação de Jovens e Adultos é válida? Em que sentido? Como isso se reflete em sua prática pedagógica?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

9. O que você acredita ser uma das maiores causas de evasão na EJA? Como o trabalho realizado pela equipe pedagógica pode ajudar a minimizar esse problema?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

10. O que causa “motivação” no aluno de EJA é o mesmo que no ensino regular? Por quê? Como a motivação ou a falta dela em um aluno da EJA pode ser notada?

_____
_____
_____
_____
_____

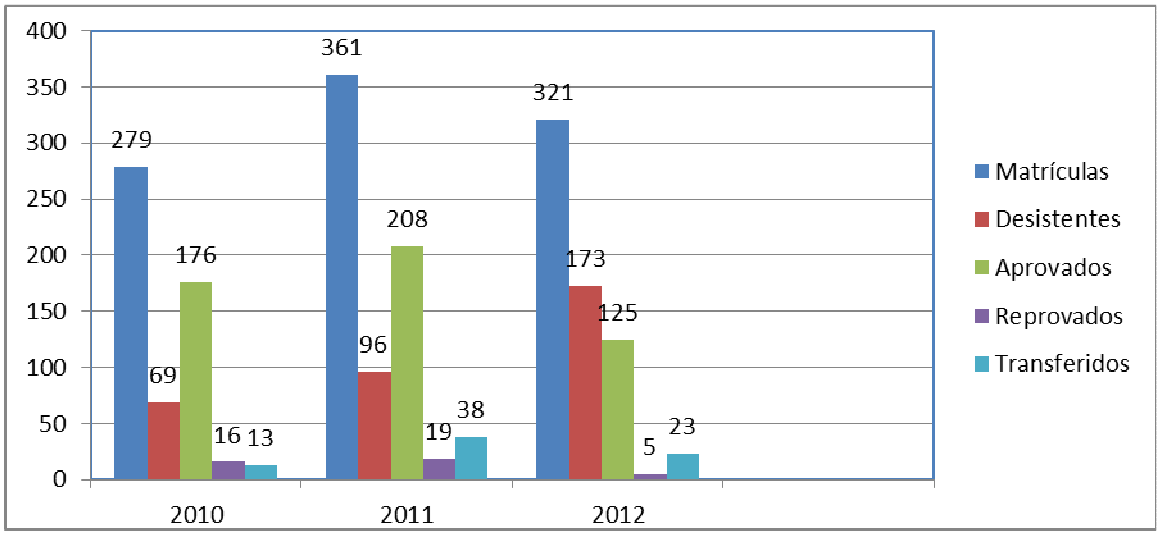
11. Como é a relação professor-aluno na EJA?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

12. Deixe aqui sua observação ou comentário em relação ao trabalho com projetos na EJA.

ANEXO 2

Gráfico 1: Comparativo do resultado final dos últimos 3 anos



ANEXO 3

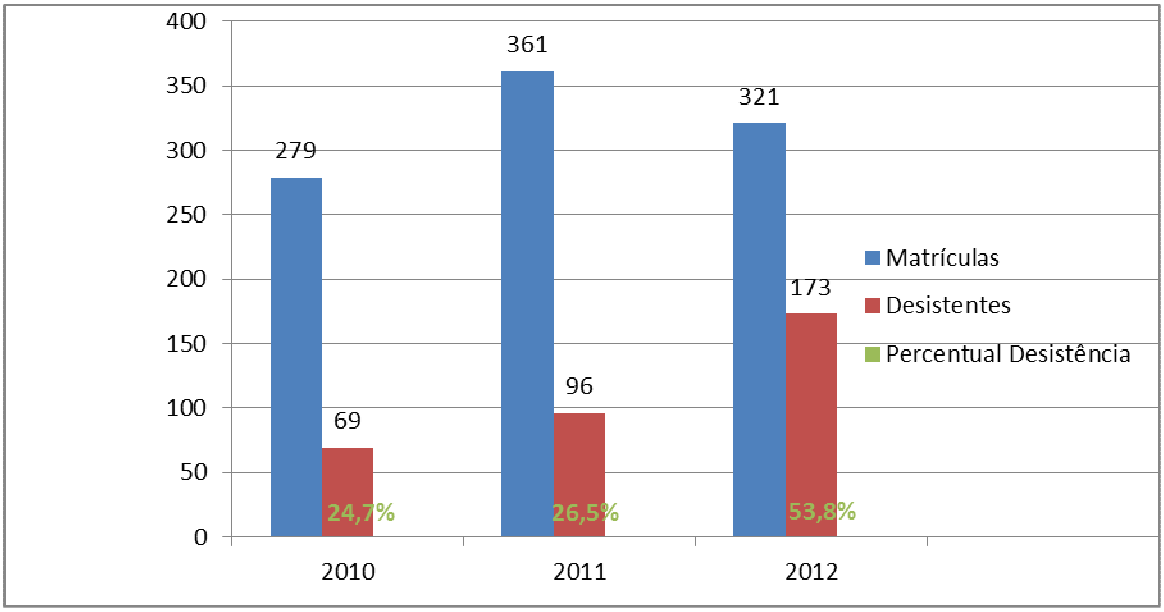



Gráfico 2: Comparativo de matrícula e evasão escolar de 2010 a 2012